

**RICARDO SERRADO**



L I O N E L

# M E S S I

**O FUTEBOLISTA QUE JOGA NO FUTURO:  
COMO A NATUREZA HUMANA PODE  
EXPLICAR O FUTEBOL**



edições vieira da silva

**RICARDO SERRADO**

**LIONEL  
MESSI**

**O FUTEBOLISTA QUE JOGA NO FUTURO  
– COMO A NATUREZA HUMANA PODE  
EXPLICAR O FUTEBOL**

**EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA**  
Lisboa  
2015

© 2015

Todos os direitos reservados para Edições Vieira da Silva, Lda.

edicao@edicoesvieiradasilva.pt

www.edicoesvieiradasilva.pt

<https://www.facebook.com/vieiradasilva.edicoes>

Título: Lionel Messi: o futebolista que joga no futuro – como a natureza humana pode explicar o futebol

Autor: Ricardo Serrado

Conselho científico: Manuel Curado (história e filosofia), Manuel Sérgio (filosofia e motricidade) e Celso Martins (biologia).

Entidade acolhedora: Football Creativity

Revisão: Cristina Silveira de Carvalho

Paginação e arranjo da capa: Dept<sup>o</sup>. Gráfico de Edições Vieira da Silva

Imagem da capa: César Sousa

Impressão e acabamento: União Europeia

ISBN: 978-989-736-491-4

Depósito Legal: 391862/15

1.ª Edição: Maio 2015

O conteúdo artístico e literário desta obra é da responsabilidade do autor.

A presente edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

## ÍNDICE

Introdução .....	15
Prefácio.....	19
Prólogo .....	25
<b>I. Natureza vs. Meio: O génio nasce ou produz-se? .....</b>	<b>35</b>
1. A alma e a natureza humana.....	44
2. A negação da natureza humana .....	48
2.1. O marxismo e a sociologia moderna .....	53
2.2. O Behaviorismo e a psicologia moderna .....	55
2.3. Cultura vs. Biologia .....	64
3. A alma torna-se carne.....	68
3.1. Frenologia: a alma está no cérebro.....	68
3.2. Darwin e a morte da alma.....	73
3.3. A eugenia de Galton .....	76
4. Inatismo ou empirismo? .....	79
5. O problema do dualismo do cérebro humano.....	90

## PREFÁCIO

Messi. Um nome pequeno que acompanha grandes feitos. Entre um e os outros, uma pessoa. Olhando para os três, estamos todos nós. Porquê? A pergunta só ocupa uma palavra, mas a resposta é muito longa. Poucas pessoas se recordam dos nomes da sua própria família do século XIX, e talvez ninguém se recorde dos antepassados do tempo de Camões ou do tempo da invenção da imprensa. Se pedirmos a alguém dois ou três nomes de pessoas do século VIII a.C., é então muito provável que não os consigamos obter. Contudo, se pedirmos especificamente o nome do primeiro vencedor dos Jogos Olímpicos, a resposta vem logo de seguida: Corebo de Élis, vencedor da corrida em 776 a.C. De facto, conhecemos *todos* os vencedores de *todas* as modalidades olímpicas antigas. Os seus nomes ainda hoje nos inspiram. As suas histórias ainda hoje nos enchem de perplexidade, como a de Arráquion de Figália, lutador do pancrácio, que foi declarado vencedor de um combate apesar de ter morrido durante o mesmo. Também os feitos das mulheres ficaram registados na memória que atravessou os séculos. Recordemos Cinisca, filha de Arquidamo, rei de Esparta, vencedora da corrida de quatro cavalos e a primeira mulher a alcançar duas vitórias olímpicas. Recordemos também a história deliciosa de Calipatera, filha de Diágoras, que foi aos Jogos disfarçada de homem. Messi está em boa companhia.

Tudo isto dá que pensar. Não recordamos os nomes da nossa própria família, nem os nomes que foram importantes nos assuntos públicos e na história da cultura e do pensamento. Mais uma vez, a surpresa: recordamos os atletas. Mais de vinte e sete séculos nos separam deles, mas temos com eles uma intimidade muito maior do que a que mantemos com pessoas do nosso sangue. Eles povoam ainda os nossos sonhos. O velho poeta grego Píndaro cantou muitos deles e, na sua célebre *VIII Ode Pítica*, dedicada ao atleta Aristómenes de Egina, vitorioso da luta, deu-nos um retrato precioso da natureza humana. Aqui vai ele na tradução autorizada da senhora Professora Maria Helena da Rocha Pereira: “Efêmeros! Que somos nós! Que não somos? Sombra de um sonho é o homem! Mas, quando sobrevier um raio de luz divina, um brilhante clarão e doce vida sobrevirá aos homens”.

A pergunta pequena de uma só palavra tem aqui uma resposta. Somos efêmeros, somos sombras de sonhos e sonhos de sombras, somos quase nada. Contudo, nunca desistimos de procurar a luz divina e a doce vida. Esta é a nossa essência. Os atletas mostram isto como ninguém. A sua lição é esta: a sombra pode tornar-se luz, o efêmero pode tornar-se perene. Os Gregos procuravam esforçadamente todos os sinais dessa possibilidade, ao modo dos Tibetanos que procuravam os sinais do nascimento do próximo Dalai Lama, ou dos Reis Magos que procuravam os sinais da vinda do Salvador. Num mundo em que tudo é sinal, essa tarefa é especialmente difícil. Tem de existir um critério. Os Gregos ensinaram-nos a ser sensíveis ao espetáculo da vitória improvável. Ninguém daria nada pelo atleta tal e tal, mas, contra todas as expectativas, ele acabou por vencer a sua competição, como se violasse a ditadura terrível das leis da Natureza e, com o seu exemplo, mostrasse o preternatural já a apontar para o sobrenatural. Dizendo de outro modo, a vitória improvável é um modo de anunciar a luz divina. A Natureza pode ser vencida pela arte esforçada de a melhorar.

Diz-se muitas vezes que vivemos numa época sem grandes valores. Talvez isso seja verdade. Há que encontrar, todavia, a exceção nobre. O desporto é ainda hoje um exemplo da antiga ética das virtudes. Os Gregos procuravam a aretê, ou excelência, em tudo. Acreditavam que existia uma aretê do médico, do treinador de cavalos, do orador, do

ancião, da mulher e de todas as atividades humanas. Tudo o que pode ser feito deve ser bem feito. O seu pensamento era o de que não há umas tarefas que sejam mais importantes do que outras tarefas. O assunto que parece desprovido de importância pode, se realizado com excelência, transfigurar o mundo. A atividade desportiva é um exemplo notável da sobrevivência desta forma de olhar para a vida humana. Todos sabemos andar e correr e conjugar na vida verbos semelhantes a estes. Alguns de nós, contudo, param o mundo com as suas ações.

Ricardo Serrado compreendeu tudo isto como ninguém. Este livro sobre Lionel Messi é um exemplo de como essa ética antiga ainda é importante para a nossa época. Dos cavalos *Seabiscuit* e *Man O'War* até aos grandes jogadores como o argentino, o que agarrou o olhar do estudioso foi exatamente a mesma coisa que Píndaro cantava há muitos séculos atrás. Uma expressão é recorrente ao longo deste livro: *contra a lógica*. É este o sinal que obriga as pessoas que se movem no mundo do desporto e as pessoas fora desse mundo. Se um clarão brilhante iluminou por instantes a vida das sombras, isso é importante para todos. Que clarão foi esse? O espetáculo de ver alguém ultrapassar contra a lógica os seus limites.

Temos medo do que passa depressa e tememos dar a nossa estima ao que irá desaparecer pela obra do tempo. A grandeza humana vence o tempo pois que, se assim não fosse, não nos recordaríamos do nome de Corebo de Élis nem quereríamos saber como conseguiu Calipatera esconder a sua feminilidade. O esforço multissecular para se compreender a natureza humana é também uma forma de vencer o tempo. A verdade é imune aos séculos. O que foi verdadeiro no tempo da Primeira Olimpíada é também verdadeiro hoje. Este livro de Ricardo Serrado é uma obra de pensamento sobre o esforço que atravessou milénios para se descobrir uma teoria verdadeira da natureza humana. Para se compreender em todo o seu alcance o sinal que as vitórias improváveis de Messi nos dão, é reconstruído o vasto debate intelectual que aconteceu na cultura europeia sobre o corpo, a mente, a relação entre um e o outro, a criatividade, a saúde – num resumo rápido, as ideias que estruturam a vida dos povos. O desporto pode motivar questões

filosóficas fascinantes e complicadas. Da mesma forma que o desporto de alta competição exige materiais sofisticados e treinos adequados a esse nível de performance, assim também tem necessidade de teorias e de conceitos para explicar a natureza humana. Sem esses conceitos, os agentes desportivos estão perdidos. As teorias sobre a natureza humana não são propriedade exclusiva da torre de marfim da Academia; diferentemente, são úteis para orientar o desempenho atlético, como se fossem a linha do horizonte. Em primeiro lugar chega o olhar do pensamento; depois chega o corpo do pensamento.

Apenas dois ou três exemplos deste debate riquíssimo. Os desportos coletivos têm características que não derivam de nenhum dos seus atletas individuais em particular. Por vezes ouve-se falar de “espírito de equipa”. Mas onde diabo está esse espírito? Estará nos olhos? Estará nos braços? Chocaríamos com uma tarefa impossível se quiséssemos encontrar essa propriedade nos músculos dos atletas ou nos equipamentos desportivos que usam. Em que sítio do mundo existem essas propriedades de alto nível? De facto, se o mundo é feito só de átomos e campos de forças, onde estão as propriedades como a performance, a criatividade, o futebol e as outras modalidades desportivas, o génio ou o tal espírito de equipa? Se procurarmos no relvado onde está precisamente o futebol que nele se joga, onde o encontraremos? No hemisfério direito do cérebro dos jogadores ou na perna esquerda dos árbitros? Ricardo Serrado mostra-nos como os intelectuais nos auxiliaram a ver estas propriedades emergentes e a sua autonomia, isto é, o facto de elas não derivarem de nada mais fundamental. É provável que tudo seja feito de átomos, mas também é verdade que as leis da biologia têm autonomia e não derivam das leis dos átomos, sendo também verdade que o pensamento tático de um treinador também tem autonomia e não deriva da biologia nem da física atómica. A arte do treinador e a performance do atleta são mundos autónomos que parecem existir no céu, sem relação com nada de mais fundamental. O mundo misterioso e infinito em que vivemos parece ter uma estrutura piramidal em que cada nível faz florescer os inferiores. O atleta é a flor do treinador, tal como este é uma flor do pensamento tático e estratégico, e tal como este desabrocha o que a biologia, a química e a física permitem, e assim sucessivamente. Ninguém ama átomos,



nem ninguém se apaixona por papel em branco, mas todos amamos os grandes atletas ou os grandes romances.

Como é evidente, só identificamos a criatividade de um atleta numa situação desportiva concreta. Coloca-se, por conseguinte, a questão: de onde veio essa criatividade? Veio da mente do atleta, da sua biologia, dos seus átomos, daquilo que existiu no passado mas já não está entre nós no presente, como a infância e juventude do atleta, ou de alguma outra coisa? Para nos auxiliar a compreender o que está em causa, Ricardo Serrado dá-nos conta de um debate intelectual verdadeiramente prodigioso em torno destas questões. Se fosse possível resumir esse debate numa frase, seria esta: o desporto é obra de pensamento e deriva de um pensamento. Os Aborígenes da Austrália e os Índios do Brasil não conheciam o desporto; ele é fruto das civilizações urbanas do Ocidente e do Oriente. Baste isto para calar as vozes que afirmam que o desporto é a antítese do pensamento. Nada poderia ser mais falso. Os Gregos deram-nos a lição contrária. Mais recentemente, a história da Europa voltou a mostrar a força desta ligação. Ricardo Serrado mostra como a prática desportiva do final do século XIX e início do século XX derivou em grande parte da angústia causada pelo pensamento finissecular em torno da degenerescência das raças e da decadência das civilizações, teorias pseudo-científicas com origem no psiquiatra francês Bénédict Augustin Morel e noutros ideólogos. Bastaria isto para colocar o desporto no cerne da vida intelectual dos últimos duzentos anos.

Este debate intelectual está cheio de mistérios. Esta é a parte fascinante do livro. O que não compreendemos motiva-nos a contribuir para a troca de ideias e para a solução. Encontraremos muitos números nestas páginas. Hoje é praticamente impossível pensar o desporto sem estatísticas desportivas e sem a quantificação das performances. Estes números recordam-nos os velhos pitagóricos que gostavam de proibir que se comesse favas ou que se usasse anel ou que se olhasse para um espelho ao lado de uma lâmpada. Reparemos em alguns problemas em aberto. Quantos Messis há por século e por país? Haverá algum número pitagórico que dê conta da excelência desportiva ao longo do tempo e ao largo do espaço? Os enigmas da distribuição gaussiana continuam a motivar muitas investigações. Haverá, talvez, algum número que

nos explique por que razão só raramente aparece um atleta como o improvável argentino que inspirou este livro. É claro que, se esse número existir, o atleta parecerá ter sido determinado ou previsto. Parece haver aqui uma contradição. Por um lado, o argentino mostra um desempenho contra a lógica; por outro lado, as estatísticas mostram que há sempre uma lógica a enquadrar até a performance mais excepcional.

O mesmo dilema acontece com a cooperação, de que o desporto é uma manifestação extraordinária. Nenhum vidro está no estado sólido se não existir uma determinada temperatura ambiente. No nosso mundo, tudo aquilo que existe implica a existência de outras coisas. Só temos diamantes se tivermos tido vulcões. Cada um de nós só existe porque o seu papá, a sua mamã e toda a Humanidade do passado também existiram. Se for possível compreender estas relações, poderíamos ter um esquema numérico para produzir atletas excepcionais. Como é evidente, se isso acontecesse, o atleta sentir-se-ia diminuído no seu esforço. Mais uma vez, a lógica mostra-se difícil de vencer, o que só reforça o mérito dos que conseguem criar a ilusão de que a venceram por um instante. Como se vê, temos muitos problemas fascinantes a resolver. A riqueza do pensamento em torno da liberdade e do determinismo manifesta-se em muitas páginas desta obra, tornando-a um bom guia para os passos a dar na terra das coisas que ainda não foram decididas, a terra do futuro.

Para terminar, cumpre dizer que este livro sobre Lionel Messi trouxe um raio de sol aos estudos sobre a dimensão cultural e de pensamento da prática desportiva. Só podemos agradecer ao seu autor o facto de nos auxiliar a chegar mais perto da vida doce.

*Manuel Curado*